



# A Escatologia pode ser Verde?

Ernest C. Lucas

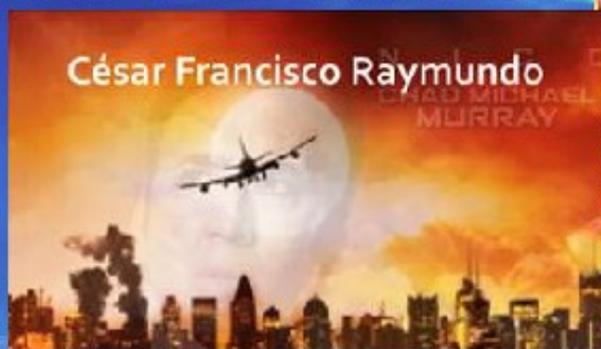


revista cristã  
última chamada

# O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

CHAD MICHAEL  
MURRAY



## DEIXADOS PARA TRÁS

Separando a Ficção  
da Realidade

Revista Cristã  
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.  
revistacrista  
.org

---

# Patrocine esta obra!

---

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

## Doe via depósito bancário

**Banco:** Caixa Econômica Federal

**Em favor de:** César Francisco Raymundo

**Agência:** 3298

**Operação:** 013

**Conta:** 00028081-1

## Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

[www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)

Contato:

[ultimachamada@bol.com.br](mailto:ultimachamada@bol.com.br)

[contato@revistacrista.org](mailto:contato@revistacrista.org)

A Escatologia Pode Ser Verde ?

**Autor:**

Rev. Dr. Ernest C. Lucas

**Fonte:**

[www.operationnoah.org/node/105](http://www.operationnoah.org/node/105)

**Colaborador textual:**

Thiago R B M

---

**- Revista Cristã Última Chamada -  
Edição Especial Nº 013**

**Editor**

César Francisco Raymundo

Periódico Revista Cristã Última Chamada, publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

**Contato com o autor:**

**E-mail:** [ultimachamada@bol.com.br](mailto:ultimachamada@bol.com.br)

**Site:** [www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais. É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Fevereiro de 2014

# Índice\_\_\_\_\_

## **Introdução 9**

- Motivações cristãs para o cuidado ambiental 12
- A escatologia pode ser verde? 16
- Onde é o céu? 18
- O que é o reino de Deus? 21
- O que é vida eterna? 22
- Por que a Primeira Vinda? 25
- Como serão o novo céu e a nova terra? 23
- Que tipo de transformação? 26

## **Conclusão 28**

- Um devocional escatológico verde 30

# Introdução\_\_\_\_\_

Crenças escatológicas podem nos dar fortes motivos para agirmos. O aumento dos esforços de trabalhos missionários da igreja durante grande parte do século XIX foi motivado em parte por uma forma de pós-milenismo que entendia o milênio como sendo um período em que o mundo se tornaria um lugar altamente “cristianizado” através da pregação universal do evangelho. Apenas no final desse período Cristo retornaria. Então, o lema que levou muitos ao campo missionário era “Evangelize o mundo para trazer de volta o Rei!”.

Por um número de razões que não temos tempo de explorar, incluindo um aumento do “evangelho social”, a publicação da bíblia de referência Scofield com sua teologia dispensacionalista em suas notas de rodapé e o horror das duas Guerras Mundiais, aquela visão pós-milenista deu lugar entre os evangélicos a uma forma de pré-milenismo dispensacional, que trocou a visão otimista de seus antecessores por uma visão pessimista, que espera que o mundo entre em uma espiral de declínio moral que só acabará com o retorno de Cristo. Em 1970, o best-seller de Hal Lindsey, “A Agonia do Grande Planeta Terra” popularizou essa visão no contexto da Guerra Fria e um holocausto nuclear, “é extremamente importante notar a precisão da profecia bíblica em relação a esse último conflito... .

Imagem cidades como Londres, Paris, Tóquio, Nova Iorque, Los Angeles, Chicago... destruídas! João... prediz que ilhas e montanhas inteiras sumirão do mapa. Parece indicar um ataque nuclear sobre as

grandes metrópoles mundiais”. Ele foi mais longe: “Quando a batalha do Armagedom chegar ao seu horrendo clímax e parecer que toda a vida será destruída na Terra – nesse exato momento Jesus Cristo retornará e salvará a humanidade de uma extinção de si própria”.

No começo dos anos 1980 esse tipo de visão se espalhou para os políticos nos Estados Unidos. Por exemplo, o Presidente Reagan comentou: “Vocês sabem, eu estou falando de suas profecias antigas... e os sinais que prediziam o Armagedom e me peguei pensando se nós seríamos a geração em que essas coisas aconteceriam. Não sei se vocês prestaram atenção a qualquer uma dessas profecias ultimamente, mas, acreditem em mim, elas certamente descrevem os tempos em que estamos”. Algumas pessoas sugerem que foi esse tipo de visão que encorajou uma atitude de quase guerra nuclear entre alguns políticos. O lema tinha mudado de “Evangelize o mundo para trazer o Rei!” para “Usem armas nucleares para trazer o Rei!”.

O fim da Guerra Fria levou a ideia de um holocausto nuclear a desaparecer das páginas principais dos jornais. Rapidamente elas começaram a ser substituídas por vários avisos de catástrofe ambiental, especialmente aqueles associados com o aquecimento global e mudanças climáticas. A visão escatológica que levou alguns cristãos a terem uma atitude fatalista a respeito de um holocausto nuclear foi prontamente transferida para cenários ambientais catastróficos. Thurman e McCleary comentam: “Na América a visão Protestante (fundamentalista) dominante... promove uma mensagem extremamente anti-natural, na qual um texto de Apocalipse é usado para justificar a destruição de ambiente, porque ele é visto como um livro de julgamento”.

Similarmente Tina Pippin disse: “Na interpretação fundamentalista do Apocalipse nos Estados Unidos, é dito aos crentes para não se preocuparem com um possível fim da humanidade por causa de um acidente nuclear ou poluição ambiental. O arrebatamento ocorrerá

antes disso e todos os cristãos serão levados nas nuvens com Jesus e não sofrerão tribulação na terra”.

A interpretação pré-milenista dispensacionalista do livro de Apocalipse, que encoraja essa atitude, foi popularizada entre a nova geração de evangélicos pelo “best seller” Deixados para trás, de Tim LaHaye e Jerry Junkins (publicado em 1995), que são lidos por cristãos no Reino Unido e nos Estados Unidos. Nesse contexto, a pergunta “A Escatologia pode ser Verde?” é claramente uma com a qual os cristãos precisam lidar com certa urgência.

# Motivações cristãs para o cuidado ambiental\_\_\_\_\_

Antes de lidar com a questão diretamente, quero colocá-la em um contexto mais amplo. Parece para mim que existem ao menos três grandes motivos para que os cristãos se preocupem com a natureza. Vou chamá-las de Devocional, Éticos e Escatológicos. Os três devem sempre andar juntos. Falarei dos dois primeiros apenas brevemente.

O motivo Devocional vem do primeiro mandamento, afirmado por Jesus em Marcos 12:29-30:

“E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças; este é o primeiro mandamento”.

Esse é um mandamento para amarmos Deus com todo o nosso ser. Quando você ama alguém desse jeito, você compartilhará os seus valores, tratar as coisas como elas tratam e cuidar dos presentes que essa pessoa te dá. Quando você lê a história da Criação em Gêneses com isso em mente, enxerga algumas implicações “ambientais”.

- Por seis vezes o que Deus criou é descrito como sendo “bom” e finalmente, Deus o considera como “muito bom”. Se amamos a Deus e compartilhamos do valor que ele dá à Criação, não podemos

ser apáticos ou fatalistas a respeito do que a humanidade está fazendo para degradar ou desfigurar a natureza.

- Deus nos deu o domínio sobre a terra como um presente. Devemos cuidar e amar esse presente, e exercer esse domínio como aqueles feitos à imagem e semelhança do Criador e o fazer de maneira que reflita o caráter e o valor que Deus dá à Criação – com amor, sabedoria, justiça, compaixão e etc.
- Gênesis 2:15 pode ser traduzido do hebraico como “Deus colocou o homem no jardim para servi-lo e protegê-lo”. Os únicos dois outros contextos em que os verbos hebraicos são usados juntos é para se referir ao serviço dos sacerdotes no Tabernáculo. Gordon Wenham mostrou paralelos entre as descrições do Jardim do Éden, o Tabernáculo e o Templo. Isso sugere que o cuidado de Adão e Eva com o jardim, e, portanto, dos seus descendentes para com a natureza, é para ser visto como uma parte essencial de viver uma vida de devoção e serviço à Deus.
- A queda não mudou essas verdades fundamentais. O “mandato da criação” é reafirmado depois do dilúvio em Gn. 9:1-7.

A motivação Ética advém do segundo mandamento, dito por Jesus em Marcos 12:31: “E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes”. Se eu sigo esse mandamento, vou querer evitar fazer coisas que tenham um impacto negativo na vida dos meus vizinhos e na sua relação com a “muito boa” criação de Deus. De novo, existem implicações ambientais claras aqui. Vou procurar adotar uma maneira de viver que minimize o uso de combustíveis não renováveis e minimize a poluição e degradação do ambiente que compartilho com meus vizinhos. Vou também procurar fazer o que puder para sustentar e mesmo melhorar o bom ambiente que Deus nos deu. Conforme tentamos descobrir o que isso significa – e isso nem sempre é fácil – devemos nos lembrar que temos vizinhos no espaço

(casa ao lado) assim como no tempo (gerações futuras). Então, devemos nos preocupar em não apenas como afetamos o ambiente das pessoas que vivem em nossa época, mas também com qual tipo de ambiente deixarei para minha posteridade.

Parece-me que cada uma dessas motivações nos dá uma forte base para uma preocupação e ação por parte dos cristãos. Portanto, qualquer entendimento da escatologia (“fim dos tempos”) bíblica que parece contradizer ou diminuir essas motivações tem que ser vistas como teologicamente suspeitas e uma candidata para uma análise crítica de qual fundamentação bíblica elas têm, já que introduz uma grande inconsistência em nosso entendimento da teologia bíblica.

## A escatologia pode ser verde? \_\_\_\_\_

Então, voltamos a pergunta inicial: “A escatologia pode ser verde?”. Precisamos começar com uma reavaliação de algumas passagens bíblicas que têm sido usadas para nos dar uma resposta negativa a essa questão.

Uma delas é 2ª Pedro 3:7-13. Como essa passagem já foi esmiuçada mais detalhadamente na conferência da JRI, vou falar dessa passagem brevemente. Uma consulta a traduções diferentes indicará que não é fácil entender esse verso e uma consulta aos comentários confirmará isso. Provavelmente, o motivo principal seja a palavra final do verso 10. Há diferentes leituras para os manuscritos gregos, com as principais opções sendo: “serão descobertas/ expostas”, “desaparecerão” ou “serão queimadas”. Há pouca discordância entre os teólogos que a melhor delas é “serão descobertas/ expostas”.

O segundo problema está no sentido da palavra “elementos” (stoicheia) nessa passagem. Os leitores modernos tendem a assumir que significa os elementos que compõe o mundo físico. Esse é um significado possível. No entanto, no resto do Novo Testamento a palavra é usada em relação a forças espirituais hostis que reinam no mundo (Ex. Gálatas 4:3; Colossenses 2:8, 20). Há evidências, por causa da linguagem usada por Pedro nessa passagem (que é a mesma usada no Velho Testamento), que ele se refere a um julgamento usando a linguagem cósmica (como em Isaías 24:21; 34:4). Nelas, o julgamento começa com “os exércitos do céu”, significando os

poderes espirituais. É importante lembrar que Pedro herdou uma longa tradição de linguagem figurativa sobre “reviravoltas cósmicas”, que os profetas aplicavam a eventos históricos, como a destruição de Edom, ligando-os a um ato divino de julgamento. Podemos entender como os profetas usavam essa linguagem “cósmica” em passagens como essa se a compararmos com nosso costume atual de falar que alguns eventos “abaladores”.

Tenho certeza que em algum lugar, algum comentarista, se referindo à queda do muro de Berlim em 1989, usou o termo abalador, que contribuiu para o fim da Guerra Fria. Alguém que leia isso com um literalismo inapropriado daqui a mil anos pode concluir que em 1989 houve um terremoto catastrófico no leste alemão que destruiu o Muro de Berlim e que a escala da destruição causada pelo terremoto levou as nações da Europa a deixarem de lado as hostilidades e aprenderem a viver em harmonia. Isso, claro, seria um mal entendido enorme de uma figura de linguagem. Devemos tomar cuidado para não fazer o mesmo tipo de coisa com a linguagem usada pelos profetas e sua linguagem apocalíptica na Bíblia.

O tema do julgamento dá sentido ao verbo “serão descobertas/expostas” no fim do versículo 10. Tanto no Velho Testamento ( Ex. Êxodo 22:8); Salmo 17:3; Daniel 5:27) quanto no Novo Testamento (Atos 13:28; 23:9; 24:20; João 18:38; 19:4 e 6) o verbo “descobrir” é usado em contextos de escrutínio moral e judicial. Além disso, em ambos, fogo é usado como uma metáfora de julgamento que purifica (Malaquias 3:1-4; 1ª Coríntios 3:12-15). Então, faz muito sentido ver a passagem como usando a linguagem figurada sobre o ato final de julgamento de Deus, que purgará a ordem criada de todo o mal, espiritual e físico. A própria passagem indica que o contexto é o de “destruição dos ímpios” (não do universo físico) para que haja “novos céus e nova terra, onde a justiça habitará” (versos 7 e 13). O paralelo com o Dilúvio (versos 5 e 6) sugere que, mesmo que o julgamento seja cataclísmico, ainda haverá uma considerável continuidade entre o mundo antes e depois da purificação. Isso também é sugerido pela palavra “novo” (kainos), que se refere a algo

novo no sentido de qualidade e não no sentido de algo que não existia antes (que seria expresso com neos). Então, essa passagem não está falando de uma destruição total do universo físico no qual vivemos e sua substituição por outro, completamente diferente. Está, sim, falando de uma purificação radical de todo o mal e uma transformação também radical do universo.

Eu gosto do comentário, feito mais de uma vez, do Prof. Sir John Polkinghorne, de que a Nova Criação não será o resultado de uma criação ex nihilo, mas sim de uma criação ex vetere.

Mas o que, então, significam aquelas imagens de desastres ambientais do Apocalipse, que Hal Lindsey e outros tantos usam ao afirmar que tais desastres são inevitáveis e portanto não há motivo para tentar evitá-los? Essas imagens estão em Apocalipse 8:7-13 (o soar das primeiras quatro trombetas) e Apocalipse 16:1-9 (o derramar das primeiras quatro “taças de ira”). A primeira coisa a ser dita é que estamos lidando aqui com uma linguagem apocalíptica e é muito improvável que ela deva ser entendida literalmente. Essas são descrições simbólicas de julgamento. Um estudo cuidadoso a respeito delas, para o qual não temos tempo, mostra ecos das pragas do Egito (muitos comentaristas notaram um “tema de fuga/êxodo” no livro todo) e também das maldições pelo não cumprimento da lei em Levítico 26 e Deuteronômio 28. Além disso, é explicitamente dito que esses não são julgamentos finais, mas sua intenção é provocar o arrependimento por parte das nações da terra (9:20-21; 16:9-11). Existe um paralelo aqui com os profetas afirmando que secas, destruição de lavouras, pragas no rebanho e em pessoas eram evidências de que a nação havia quebrado a aliança (e então estão sofrendo as maldições) e que devia se arrepender e retornar aos caminhos de Deus. Então, sugiro que o significado dessas imagens em Apocalipse é o de um aviso para que quando a terra estivesse dominada pela Grande Prostituta, Babilônia, um símbolo da ganância pelo poder em todas as suas formas, militar, política, econômica e luxúria por bens materiais, então, parte das consequências seriam catástrofes ambientais de vários tipos. São uma consequência de não

observarmos as leis de Deus sobre como devemos viver em meio a sua criação. O livro de Apocalipse não encoraja os santos a sentarem e não fazerem nada, mas a sermos testemunhas que falam contra esses males e lutam contra eles. O final de Apocalipse não é a destruição da terra, mas a destruição da Babilônia, como um julgamento pelo dano que ela causou à terra, às pessoas e ao povo de Deus e a destruição do diabo e todo o seu exército, para os quais a Babilônia era a frente de batalha. Os santos, apóstolos e profetas, são chamados a se rejubilarem com a queda da Babilônia (18:20). O final, como veremos, é um novo céu e uma nova terra e a descida do céu da Nova Jerusalém – presumivelmente para a terra.

A série deixados para trás se baseia no que eu acho que é um engano muito comum a respeito de passagens como 1ª Tess 4:16 e 17, onde Paulo diz que “os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro... então os que estão vivo, que ficarem, serão arrebatados nas nuvens para encontrarem com o Senhor no ar; e assim estaremos com o Senhor para sempre”. Algumas vezes pensam que estaremos com o Senhor em outro lugar que não a terra, e então o encontraremos no ar, no meio do caminho, em nossa jornada em direção ao céu. Isso, entretanto, anula completamente o foco da linguagem que Paulo está usando. No verso 15 ele usa a palavra grega *parousia* para falar dessa “vinda” do Senhor no final. Essa é a palavra usada para a visita de um governador da era Helenística e seu passeio por uma cidade sob seu domínio. Uma comitiva da cidade sairia para encontrá-lo no meio do caminho e acompanhá-lo pomposamente até a cidade. Paulo, portanto, está falando de os cristãos irem “encontrar o Senhor nos céus” para escoltá-lo até a terra – então é aqui que “estaremos com o Senhor para sempre?” Esse pensamento intrigante, ou, como descobri chocante, para alguns cristãos, me traz ao ponto onde quero propor uma escatologia verde, mas preciso construir a idéia em partes, com diferentes componentes.

## Onde é o céu? \_\_\_\_\_

Eu quero começar com uma pergunta que todos os pais cristãos que tem crianças novas já ouviu, “papai/mamãe, onde é o céu?”. Quando eu estava na escola dominical, ainda costumávamos cantar aquele hino que continha as frases “há uma casa para pequenas crianças, sobre o céu azul”. Nunca foi uma imagem útil porque, como ainda mostrarei, ela não é bíblica, mas se tornou obsoleta com o início dos vôos espaciais. Foi esse tipo de imagem horrível que permitiu que o presidente Nikita Krushev da URSS alegasse que os astronautas russos haviam ido ao espaço procurar por Deus e não o acharam, então, provando que Ele não existe.

Como C.S. Lewis disse uma vez, que alguns de nós ficaríamos bem preocupados se achassem Deus, ou o céu, no espaço sideral. Minha resposta à pergunta da criança foi “céu é onde Deus está”. Estou feliz por dizer que anos depois descobri que o eminente teólogo, Tom Wright, diz o mesmo, apesar de dizer isso na linguagem mais sofisticada da teologia. Ele diz que “o céu é a dimensão de Deus da realidade em que vivemos”. Ele explica o que ele quer dizer usando como referência o texto de 2º Reis 6:15-19, no qual Eliseu e seu servo estão cercados pelo exército sírio. O servo diz: “Oh, mestre, o que faremos?” Eliseu então fala para ele não ter medo e ora “Deus, abra os olhos deste jovem”. Deus então abre seus olhos e ele vê a montanha cheia de carruagens e cavalos de fogo ao redor de Eliseu. O que aconteceu foi uma súbita revelação de uma dimensão de nossa realidade que esteve sempre lá, mas normalmente invisível. Deus não existe em uma realidade totalmente separada da nossa. Ao invés disso, sua presença imediata, distinta de sua presença mediada, que é

a que normalmente percebemos, existe normalmente em uma realidade invisível a nós. Por muito tempo pensei que era importante o fato de na história de Jesus sua ascensão não ser simplesmente desaparecendo no “brilhante céu azul” como um foguete deixando o Cabo Canaveral e sumindo na distância. Não, ele ascende um pouco e então uma nuvem o “recebe”.

Isso parece uma boa descrição para se mover de uma dimensão a outra. Essa ideia de céu como “a dimensão de Deus de nossa realidade”, que é uma parte invisível de nossa realidade, não deve nos parecer estranha, já que pelos últimos 20 anos os cosmologistas tem falado disso na Teoria das Cordas, na qual há pelo menos 10 dimensões da realidade, das quais seis existe de tal forma que não as percebemos – não que eu esteja sugerindo que o céu está em uma dessas dimensões; é só um exemplo.

## O que é o reino de Deus? \_\_\_\_\_

Nos evangelhos o reino de Deus (em Mateus, o reino dos céus) é um dos principais temas dos ensinamentos de Jesus. O primeiro ponto que quero enfatizar é que não existe diferença de significado entre os dois termos (reino de Deus/ dos céus). Os rabinos evitavam o uso da palavra “Deus” (para evitar usar o nome de Deus em vão), geralmente substituindo-o por “céu”. Esse é o motivo de em Mateus, um Evangelho escrito em primeiro lugar para um público judeu, a frase usada quase sempre ser “reino dos céus”. Em segundo lugar, a palavra “reino” é um pouco enganosa porque no inglês ela se refere primariamente a um lugar ou área de um território. A palavra grega usada nos Evangelhos (basileia) também tem esse significado, mas também pode significar a atividade de um rei, ou seu “reinado”. À luz do que Jesus diz, essa interpretação é melhor. Uma vez que percebamos que Jesus estava falando de seu “reinado/ reino de Deus” fica claro que há uma continuidade entre seu ensino e um dos principais temas do Velho Testamento.

Muitos Salmos celebram o fato de o “Senhor/ Deus reinar” (Salmos 47; 93, 96-99). No Velho Testamento esse reinado é representado na terra com a liderança de Davi e seus sucessores em Jerusalém, como o Salmo 2 indica. Os profetas esperavam pelo dia em que o reino de Deus na terra não seria limitado a Israel, mas incluiria todas as nações: “E o Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um será o Senhor, e um será o seu nome” (Zacarias 14:9).

No livro de Daniel, o estabelecimento final do reinado de Deus está associado com uma figura que é chamada de “um como o filho do homem” (Daniel 7:13). É claro que ele representa, ou lidera, o povo de Deus (Daniel 7:27). Jesus por vezes se referia a si mesmo como “o filho do homem”. Isso não era apenas humildade, mas uma afirmação implícita de que era aquele que estabeleceria o reino de Deus na terra e que tinha autoridade para exercer esse reinado (Mateus 14:61-64).

A maioria dos judeus nos dias de Jesus estava esperando que o reino de Deus começasse. Estavam esperando que “o fim” viesse, depois do que, “essa era”, quando o diabo tinha uma medida de controle, seria substituída pela “era vindoura”, o estabelecimento do reino de Deus na terra.

Jesus proclamou que o reino “estava próximo” (Marcos 1:14) e que “está entre nós” (Lucas 17:20). Ele afirmava que seus exorcismos eram evidência de que “o reino de Deus é chegado” (Mateus 12:28). Em outras palavras, o reino de Deus estava já em operação através dele.

As pessoas ficavam em dúvida se ele realmente era o Messias, aquele que traria a “idade vindoura” e com ela o reino de Deus em sua plenitude. Então ele foi crucificado e toda essa esperança foi esmagada – apenas para ser gloriosamente revivida quando ele foi ressurreto dentre os mortos. A ressurreição, claro, era o esperado que acontecesse “no fim”, o momento entre as duas eras. Ele certamente, agora, “restauraria o reino a Israel” (Atos 1:6). Ao invés disso ele ascendeu aos céus e derramou o Espírito, outra coisa esperada “no fim”. Mas mesmo assim, o reino de Deus não havia sido estabelecido sobre toda a terra. O que estava acontecendo? Começando com o discurso de Pedro em Atos 3, vemos claramente que os cristãos primitivos estavam começando a perceber que Jesus tinha vindo para “inaugurar o começo do fim” e que um dia ele voltaria para “finalizar o estabelecimento” desse reino (Atos 3:19-21). Enquanto isso, vivemos entre essas “eras”, entre o começo do fim e a consumação

do fim, em uma intersecção entre essas “eras”. Portanto, vivemos em uma tensão entre o que já é verdade e o que ainda precisa ser consumado/ completado.

Uma chave importante para muito do que é ensinado no Velho Testamento é o reconhecimento dessa tensão “já/ não ainda” com a qual os discípulos de Jesus tinham que viver. O que Jesus nos ensinou a orar era que o Reino de Deus viesse em sua plenitude. É importante enfatizar que oramos para que ele venha na terra. Também somos exortados a viver como aqueles que reconhecem esse reinado e aproveitam esses benefícios, enquanto ainda esperam que ele venha em sua plenitude.

Nesse ponto as palavras de Paulo aos Filipenses, dizendo que: “Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (Filipenses 3:20) são importantes. Elas são algumas vezes tomadas como significando que vivemos apenas temporariamente na terra e que não devemos nos envolver com coisas terrenas. Isso, entretanto, é um mal entendido completo do que Paulo está dizendo. Filipos era uma colônia romana e seus cidadãos tinham orgulho desse fato.

Esse era um privilégio de poucos. Sob a lei romana as colônias eram parte de Roma e seus cidadãos eram romanos. Sua função era importante. Ao viver de acordo com a lei romana e seus costumes eles deviam ser uma “vitrine” de Roma, convencendo os “bárbaros” ao redor dos benefícios de viver sob o senhorio de Roma, para que quisessem se tornar romanos também. Que imagem poderosa da função da Igreja para essa “intersecção” das “eras”! A igreja é uma colônia do céu, que deve trazer o gosto do céu até a terra. À luz do uso que Paulo dá à palavra parousia, que já discutimos, quando ele fala de esperar até que o Salvador venha dos céus e nos transforme (Filipenses 3:21) devemos concluir que isso não significa que Ele “nos tirará da terra e nos levará a cidade mãe”, mas que ele virá e consumará o que já tivemos feito para trazer o reino de Deus à terra.

## O que é a vida eterna? \_\_\_\_\_

Fora dos Evangelhos e de Atos, o assunto do reino de Deus é em grande medida substituído pelo assunto da “vida eterna”. Uma razão para isso pode ser indicada em Atos 17:7. Algumas pessoas em Tessalônica acusaram Paulo de “agir de forma contrária aos decretos do Imperador, ao falar que há um outro rei, chamado Jesus”. Claramente, enquanto o conceito de reino de Deus era profundamente significativo para os judeus, outros povos podiam facilmente entender errado, pensando que era um discurso puramente político e subversivo. Sejam quais forem às razões para uma mudança de terminologia, para muitas pessoas, falar em “vida eterna” leva a um entendimento mais “espiritual” e menos “material” do que “o reino/ reino de Deus”.

Isso, entretanto, é errado. Não temos espaço para fazer um estudo detalhado da frase grega que é traduzida como “vida eterna” (zōē aiōnios), mas Tom Wright sumariza os pontos essenciais quando diz: “em seu contexto original judeu a frase certamente se refere a “vida na era que virá”. Isso, claro, se encaixa muito bem com o que vimos sobre o ensino de Jesus sobre o reino de Deus. A “Vida eterna” não é uma vida vivida em algum outro plano, é a vida vivida sob o domínio de Deus. Ela começa nesta terra agora, quando as duas eras se sobrepõem e continuará na nova terra quando a era futura chegar em sua plenitude.

# Por que a Primeira Vinda? \_\_\_\_\_

Por que o Filho de Deus veio ao mundo como um ser humano? A resposta pode parecer óbvia para a maioria dos cristãos – Ele veio para nos salvar dos nossos pecados. Isso é verdade. Mas é apenas parte da verdade, como nos diz Hebreus 2.

Os versos de abertura de Hebreus deixam claro que o Filho, que se tornou homem, é Deus. Voltaremos a esses versos em um momento. Hebreus 2 ressalta que ele se tornou realmente um homem, ele “participou dessa condição humana” (Hebreus 2:14). Ele foi feito como nós “em tudo” (Hebreus 2:17). O primeiro advento foi uma verdadeira encarnação. Deus se tornou humano em Jesus de Nazaré. Por quê? Hebreus 2 respondeu essa pergunta de algumas formas, mas é importante que todo o assunto de encarnação é introduzido por uma citação de Salmo 8:4-6, que por ele mesmo, ecoa Gênesis 1:26-28, onde a bíblia nos fala da criação do homem e da mulher na imagem de Deus, e do fato de Deus ter-lhes dado a responsabilidade de cuidar do resto da criação. Para resumir, os escritos nos diz que somos a resposta para o problema de “por que o Filho de Deus se fez homem?”, para cumprir o propósito de Deus quando criou o mundo.

Como vimos, Gênesis 1 nos diz que Deus criou o mundo e declarou que ele era “muito bom”. Os seres humanos foram colocados nele para serem os representantes de Deus, cuidando e reinando em nome de Deus. Mas em Hebreus 2:8 é dito que não é assim que vemos as coisas hoje. Os humanos não estão realmente no controle do resto da criação. Alguma coisa deu errado. Essa “alguma

coisa” é descrita em Gênesis 3. Adão e Eva, não satisfeitos em serem os representantes de Deus, queriam ser igual a Deus. Sua desobediência levou a perda de sua habilidade de cuidar e reinar sobre o mundo de forma correta. Como resultado, o resto da criação também sofreu. Seu estado inicial (“muito bom”) foi corrompido.

Quando Adão e Eva desobedeceram a Deus, seu relacionamento com Deus se quebrou. Isso afetou outros relacionamentos, como Gênesis 3 deixa claro. É lógico que o ponto principal que Jesus veio fazer foi restaurar a nossa relação com Deus. Isso é fundamental. Mas, a restauração das outras relações, flui dessa principal. Entretanto, não fluem da principal automaticamente. Temos que trabalhar, crescer nisso. Minha personalidade não foi endireitada da noite para o dia depois que me converti. Não me tornei igual a Cristo de uma vez. Levará uma vida inteira de “andar com o Espírito” para que isso se torne real em minha vida. De forma semelhante, minha relação com outras pessoas também não foi arrumada em um piscar de olhos. Essa, também, precisa de um esforço constante de minha parte e do poder do Espírito Santo.

Os cristãos já sabem disso há séculos. O que muitos cristãos ainda não perceberam é que é necessário um esforço consciente de nossa parte nas outras relações também – a relação entre os humanos e o resto da criação. De tempos em tempos houve cristãos que perceberam que esse é um aspecto do que a salvação significa e tentaram fazer com que outros também percebessem, mas só os problemas ambientais que começaram a aparecer nos últimos 30-40 anos que realmente fizeram com que um número significativo de cristãos começasse a considerar esse fato.

A terra e suas criaturas foram exploradas e abusadas pelos seres humanos, buscando apenas usá-las aos invés de cuidar delas como a boa criação de Deus. Agora que nossa relação com Deus foi restaurada, temos a responsabilidade de trabalhar no poder do Espírito para prevenir mais danos à criação e tentar restaurar algo de sua bondade original. Falhar em fazer isso é pecar contra Deus nessa

área de nossas vidas. Suponhamos que antes de eu me tornar um cristão, era um mentiroso inveterado. Se, depois de me converter, eu continuo mentindo regularmente, ignorando o que a bíblia diz a respeito de Deus querer a verdade e honestidade e que viver na mentira é errado, estaria pecando conscientemente, e todos os cristãos concordarão que isso é errado. Mas todos nós, antes de sermos cristãos, por conta da sociedade em que vivemos e da maneira que ela nos encoraja a viver, habitualmente usávamos os presentes da criação dados por Deus de forma errada: desperdiçando recursos, usando-os de modo injusto (porque nós, no ocidente, usamos mais do que “nossa metade”), e contribuindo com a destruição do ambiente de várias formas. Quando nos convertemos e percebemos que esse mundo é de Deus, e que Deus quer que cuidemos dele, trabalhemos para sua restauração e não destruição e que devemos usar seus recursos de forma sensata e justa, devemos buscar a liderança de Deus e o poder do Espírito para quebrarmos com o estilo de vida incorreto de nossa sociedade e para darmos exemplo de como Deus quer que seu mundo seja tratado.

Se esse é o propósito da Primeira Vinda, a Segunda Vinda significará a consumação deste propósito. Não significará que os cristãos serão levados embora dessa criação para viver em uma realidade completamente diferente, mas sim que o resto da criação será tão transformada que o propósito original de Deus para essa criação será finalmente alcançado. Essa, eu acho, é a visão de Paulo em Romanos 8:19-21.

# Como serão o novo céu e a nova terra? \_\_\_\_\_

Em sua visão em Apocalipse 21 e 22, João vê o novo céu, a nova terra e a nova Jerusalém descendo dos céus, presumivelmente para a nova terra. Como Pedro, João usa a palavra grega *kainos* para “novo” e a natureza do que está acontecendo é explicada em Apocalipse 21:5: “Eis que faço novas todas as coisas”. A ordem das palavras colocando ênfase em *kainos* sugere uma renovação do velho por uma transformação radical e não a destruição para depois fazer outra vez. O que segue confirma isso. Os reis e povos trarão “sua glória” (versículos 24 e 26). Há uma continuidade com a primeira criação e essa é uma continuidade na qual o que os humanos fazem tem importância (no sentido dos seres humanos contribuírem para o que estará na nova terra).

É importante que enquanto a descrição da Nova Jerusalém tem elementos que nos lembram do Jardim do Éden (a presença de Deus, o rio, a Árvore da Vida), o que é apresentado não é um jardim, mas uma cidade. A cidade aparece pela primeira vez em Gênesis 4, como um artefato feito pelo homem, com Caim sendo o construtor da primeira cidade. O fato de a consumação final ser apresentada como uma cidade indica que Deus incorporou o que os humanos fazem (que inclui nosso domínio sobre a natureza) em seu propósito final. Então, o que fazemos na terra tem significado eterno. Aqui está uma motivação escatológica para cuidar do meio ambiente de forma séria.

## Que tipo de transformação? \_\_\_\_\_

O que significa dizer que a nova criação não será o resultado de outro ato de criação ex nihilo (ou criação “do zero”), mas sim que será o resultado de uma criação ex vetere? Não tenho uma resposta simples para essa questão. O máximo que posso fazer são duas observações.

A primeira é salientar o que Paulo diz sobre ressurreição do corpo em 1ª Coríntios 15. Parece para mim que até mesmo ele tem dificuldade com o que isso significa, mas usa a analogia do crescimento de uma planta para dizer que haverá continuidade e mudança (versos 37 e 38). Um jardineiro experiente pode olhar para um bulbo e dizer “esse virará uma tulipa, esse um trevo...” ou o que seja. Mesmo que o bulbo seja bem diferente de uma planta (bulbo é planta, mas “planta” no sentido de algo com folhas, flores e etc), há uma continuidade que liga o bulbo à “planta”. Isso é algo que só podemos admirar, então é surpreendente que a idéia de ter um corpo ressurreto que ao mesmo tempo tem uma continuidade com o nosso atual, mas que será diferente seja uma ideia desafiadora? Vemos algo dessa combinação de continuidade e mudança em nossa vida terrena, conforme vemos de criança a um adulto maduro. A ressurreição é só o próximo estágio do processo, mesmo que envolva uma mudança mais profunda. O que é verdade para nós como indivíduos, tenho certeza, é verdade para o resto da criação também.

A segunda observação é que o corpo ressurreto de Jesus, com o qual ele voltou aos céus, é a única evidência clara que temos de

como essa “nova criação” pode ser. Esse corpo era ao mesmo tempo parecido e diferente do corpo terreno. Ele foi reconhecido como sendo Jesus, mas ainda assim ele podia aparecer e desaparecer de um quarto trancado. Ele ainda tinha as marcas da crucificação – mas não eram uma causa de humilhação nem limitação, mas um motivo de glória. Ele traz os sinais de “sua glória”, o que ele conquistou durante sua vida na terra, para a Nova Jerusalém. Faremos o mesmo. Talvez nos surpreendamos com esses sinais!

# Conclusão\_\_\_\_\_

Chegou a hora de juntar essas coisas e montar uma escatologia verde. A escatologia bíblica diz respeito à consumação dos propósitos de Deus no retorno de Cristo, a Segunda Vinda. Se quisermos saber o que isso significa, devemos começar pelos propósitos do Primeiro Advento. Hebreus 2 e outras passagens do Novo Testamento deixam claro que Cristo veio para completar o propósito de Deus quando ele criou a terra e os seres humanos em sua imagem e semelhança para reinar e dominar sobre a terra como Seus representantes. Não há indicação clara de que o cumprimento desse propósito envolverá tirar os humanos dessa terra e destruí-la. A vinda do reino de Deus era o tema central do ensino de Jesus e não há indicação que ele esperasse que isso acontecesse em nenhum outro lugar além da terra. O próprio conceito da palavra parousia confirma essa ideia.

A Segunda Vinda não é Jesus vir remover os seus seguidores da terra, mas Jesus vir estabelecer o seu reinado nessa terra. Apocalipse 21 e 22 também confirma essa ideia. A Nova Jerusalém, com o trono de Deus e o Cordeiro descerão na terra renovada, onde Deus habitará com os homens. O céu, a dimensão da realidade presente de Deus, virá à terra. A renovação dos céus e da terra envolve um julgamento purificador que expurgará deles todo o mal, espiritual e físico. A transformação resultante é marcada tanto por uma continuidade como por uma descontinuidade. Talvez isso será em parte porque o céu, a dimensão de Deus que agora não é visível a nós, se tornará parte de nossa realidade diária. Não nos é dado uma figura clara do

que essa transformação significará, mas é claro que o que fazemos no presente pelo Senhor (e com Ele) não será em vão (1ª Coríntios 15:58). Essas coisas passarão pelo julgamento, serão elevadas e farão parte dos novos céus e nova terra. Esse trabalho deve ter muitos aspectos. Existe o esforço para sermos mais e mais semelhantes a Cristo. Afinal de contas é claro em vários locais no Novo Testamento que Deus quer que sejamos transformados na imagem de Seu Filho (Romanos 8:29; Efésios 4:13). Também é claro que Deus quer que façamos discípulos de todas as nações (Mateus 28:19-20). O aspecto de nosso trabalho no Senhor que tende a ser negligenciado há séculos é o que existe desde Gênesis 1:28, o de cuidar e desenvolver a boa criação de Deus, do jeito que ele quer que seja feito. Qualquer escatologia bíblica balanceada tem que incluir a consumação de todos esses aspectos e, sem dúvida, ainda outros, e tal escatologia não pode ser outra coisa a não ser verde, já que nos dá uma grande motivação para cuidarmos do meio ambiente.

# Um devocional escatológico verde\_\_\_\_\_

Quero concluir com um aspecto da escatologia bíblica que geralmente é ignorada, mas que, acho, está acima do que estávamos considerando. Esse aspecto junta as motivações devocionais e escatológicas para o cuidado do meio ambiente. Sua raiz está em Colossenses 1:16 e Hebreus 1:2.

“Porque nele [em Cristo] foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele”. Colossenses 1:16

“A quem [Deus] constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo”. Hebreus 1:2

Ambas as passagens falam de Cristo, Deus o Filho, como agente da criação do mundo e herdeiro dela. A terra é herança de Cristo. Como aqueles a quem o domínio foi dado, somos os administradores dessa herança até que Ele venha reclamá-la para si. Quão bem estamos cumprindo essa missão? Pense dessa forma. Suponha que você ouvisse que um parente distante havia morrido e deixado para você uma casa e uma fazenda magníficas. Os advogados levaram um bom tempo te procurando e enquanto isso, a fazenda ficou nas mãos de administradores. Assim que você puder, após descobrir a respeito de sua herança, irá reclamá-la de volta. Você descobre que a (um dia) bela casa foi alugada para todos os tipos de shows e eventos

similares e que ficou em ruínas. Algumas das madeiras de lei da fazenda foram cortadas e substituídas por estacionamentos. O lago ficou arruinado. Você ficaria pasmo, não ficaria? Ia querer se vingar dos administradores que arruinaram sua herança ao invés de preservá-la para você. Então, como você se sentiria se não tivesse feito o que podia para preservar a beleza e o funcionamento da terra para Cristo? Essa apenas é uma poderosa razão para nós, Cristãos, nos preocuparmos com questões ambientais enquanto esperamos a Segunda Vinda de Cristo. A escatologia devia ser verde para aqueles que amam a Cristo e se importam com Seu coração.

# Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em  
[www.revistacrista.org](http://www.revistacrista.org)

